

A Prática de Análise Linguística a partir do Ladrão de Marabaixo: elo entre práticas e saberes culturais, ancestrais e contemporâneos, no ensino de Língua Portuguesa

The Practice of Linguistic Analysis from *Ladrão de Marabaixo* (Marabaixo Thief): link between practices and ancestral, cultural and contemporary knowledge in the teaching of Portuguese

Gercilene Vale dos Santos^{1*}

*Universidade Federal do Pará (UFPA)

e-mail: gercilenevale2015@gmail.com

Márcia Cristina Greco Ohuschi^{2**}

**Universidade Federal do Pará (UFPA)

e-mail: marciagreco@ufpa.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir uma proposta teórico-metodológica-analítica de Prática de Análise Linguística/Semiótica (PAL/S), de base dialógica, a partir do ladrão de Marabaixo – composição poética entoada na manifestação cultural e religiosa afro-amapaense denominada Marabaixo – voltada à formação continuada de professores dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Ancora-se na perspectiva dialógica de linguagem, a partir do Círculo de Bakhtin e interlocutores; em estudos sobre a gênese da análise linguística (AL), (Geraldí, 2004; 2013; Franchi, 1991); sobre a prática de análise linguística (PAL), (Polato, 2017; Costa-Hübes, 2017; Acosta Pereira, 2018, Polato; Menegassi, 2019; Ohuschi, 2019), sobre a PAL/S (Costa-Hübes; Acosta Pereira, 2023, Polato; Mendonça, 2024) e sobre o Marabaixo (Videira, 2010; Oliveira, 2006; 2015). A proposta, que contempla o ladrão de Marabaixo *Aonde tu vai, rapaz* (Ladislau, 2018), foi sistematizada em cinco blocos, com desdobramentos que envolvem as dimensões social e verbal do enunciado, por meio da integração com as práticas de oralidade, leitura e escrita. Na dimensão social, são explorados aspectos extralinguísticos via relações dialógicas e, na dimensão verbal, a PAL/S a partir de atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas. Os resultados demonstram que a abordagem do ladrão de Marabaixo desperta a identidade e o pertencimento docente; favorece a ampliação socioideológica das professoras em relação ao tema e ao trabalho com a PAL/S; possibilita a compreensão de conceitos

¹ Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Letras pelo Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras/UFPA). Professora da Secretaria de Estado da Educação do Amapá (SEED-AP). Integrante do Grupo de Pesquisa “Dialogismo e ensino de línguas” (UFPA/CNPq).

² Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA) na graduação e na pós-graduação em Letras. Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), com Pós-doutorado na Universidade Estadual de Maringá (UEM). É líder do grupo de pesquisa “Dialogismo e ensino de línguas” (UFPA/CNPq) e integrante do grupo de pesquisa “Interação e escrita” (UEM/CNPq).

dialógicos; favorece o desenvolvimento das atividades de PAL/S; contribui para abordagens didático-pedagógicas autorais.

Palavras-chave: Prática de Análise Linguística; Ladrão de Marabaixo; Perspectiva dialógica.

Abstract: This work aims to present and discuss a theoretical-methodological-analytical proposal for the Practice of Linguistic/Semiotic Analysis (*PAL/S*), grounded on dialogism, from *Ladrão de Marabaixo* - poetic composition chanted in the Afro-*Amapá* cultural and religious manifestation called *Marabaixo* - aimed at the continuing education of teachers of the final years of Elementary School. It is anchored in the dialogic perspective of language, from the Bakhtin Circle and interlocutors; in studies on the genesis of linguistic analysis (LA), (Geraldi, 2004; 2013; Franchi, 1991); on the practice of linguistic analysis (PAL), (Polato, 2017; Costa-Hübes, 2017; Acosta Pereira, 2018, Polato; Menegassi, 2019; Ohuschi, 2019; Ohuschi; Menegassi, 2024), on PAL/S (Costa-Hübes; Acosta Pereira, 2023; Polato; Mendonça, 2024) and on Marabaixo (Videira, 2010; Oliveira, 2006; 2015). The proposal, which includes *Ladrão de Marabaixo* (Marabaixo Thief) “Where are you going, boy” (*Aonde tu vai, rapaz*) – (Ladislau, 2018), was systematized into five blocks, with developments involving the social and verbal dimensions of the statement, through integration with the practices of orality, reading and writing. In the social dimension, extralinguistic aspects are explored via dialogical relations and, in the verbal dimension, *PAL/S* based on linguistic, epilinguistic and metalinguistic activities. The results show that the *Ladrão de Marabaixo* approach awakens teacher identity and belonging; favors the socio-ideological expansion of teachers in relation to the theme and work with *PAL/S*; enables the understanding of dialogic concepts; favors the development of *PAL/S* activities; contributes to authorial didactic-pedagogical approaches.

Keywords: Practice of Linguistic Analysis; *Ladrão de Marabaixo* (Marabaixo Thief); Dialogical Perspective.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde o surgimento, já são 40 anos em que a Prática de Análise Linguística – PAL foi apresentada como prática de linguagem a ser priorizada no ensino e na aprendizagem, tendo em vista possíveis transformações sociais via desenvolvimento da competência linguística dos sujeitos (Geraldi, 2004). A partir de então, transita por campos teóricos, abordagens sociais e políticas distintas, que levaram a ampliações e a possibilidades diversas de implementação. Dentre elas, as orientações da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018a) para a incorporação de outras semioses em seu campo de estudo, passando a ser definida como Prática de Análise Linguística/Semiótica (PAL/S).

Polato e Mendonça (2024) enfatizam sua relevância à vinculação de proposições reflexivas acerca de efeitos de sentido, de apreciações valorativas, de procedimentos

discursivos, textuais, de entonações apreciativas, fundamentais à expansão da consciência socioideológica e linguístico-discursiva e enunciativa dos sujeitos. A promoção da análise linguística, em especial nas atividades epilinguísticas e metalinguísticas, viabiliza a reflexão com e sobre a língua de forma mais consciente e ética, assim como a compreensão de funções discursivas e cognitivas que funcionam em interdependência. Nessa perspectiva, a PAL/S pode contribuir para o entrelaçamento entre práticas ancestrais e saberes contemporâneos, firmando-se como recurso para o enfrentamento de preconceitos e violências, pois sua efetivação mobiliza posicionamentos éticos e valorados sobre as relações sociais, históricas, culturais e ideológicas entre sujeitos e linguagem.

Consoante a isso, este estudo³ ancora-se na perspectiva dialógica de linguagem (Volóchinov, 2021[1929]; 2019 [1926]; Bakhtin, 2016 [1979] e interlocutores), em estudos sobre o Marabaixo (Videira, 2010; Oliveira, 2006; 2015), nos escritos que embasaram o surgimento da AL, como perspectiva de renovação gramatical (Franchi, 1991) e com ênfase na reflexão sobre a língua em uso (Geraldi, 2004; 2013). Ademais, pauta-se em pesquisas sobre a PAL em perspectiva dialógica (Polato, 2017; Costa-Hübes, 2017; Acosta Pereira, 2018; Polato; Menegassi, 2019; Ohuschi, 2019; Mendes-Polato; Ohuschi; Menegassi, 2020; Ohuschi; Menegassi, 2021; 2024) e sobre a PAL/S (Costa-Hübes; Acosta Pereira, 2023; Polato; Mendonça, 2024). A proposta responde às necessidades imediatas do contexto de formação continuada de professoras de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, Anos Finais, da Secretaria de Estado da Educação do Amapá, desenvolvida no percurso de uma pesquisa maior⁴, bem como às necessidades mais amplas de efetivação da PAL/S e do gênero em estudo no discurso escolar.

Nas atividades, exploramos as dimensões sociocultural e verbal do ladrão *Aonde tu vai rapaz* sem dissociá-las dos “[...] aspectos linguísticos, enunciativos, textuais e discursivos de um enunciado, o conteúdo temático, a construção composicional e o contexto de produção” (Ritter; Ohuschi, 2022, p. 421). Preocupamo-nos em integrar tais reflexões no desenvolvimento

³ A pesquisa vincula-se aos Grupos de Pesquisa “Dialogismo e ensino de línguas” (UFPA/CNPq) e “Interação e Escrita” (UEM/CNPq) e aos Projetos de Pesquisa “O dialogismo e as práticas de linguagem no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa” (UFPA) e “Dialogismo e práticas de linguagem no ensino de línguas” (CNPq-Universal – processo: 408761/2023-7).

⁴ Tese de Doutorado intitulada “Vozes docentes em diálogo: a prática de análise linguística a partir do ladrão de marabaixo na formação continuada de professores do ensino fundamental na Amazônia amapaense”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL, da Universidade Federal do Pará - UFPA, defendida em 03/07/2025..

e na análise de atividades, visando a um ensino e aprendizagem de língua mais plural e ético. Para melhor compreensão, organizamos o artigo em três seções, além das considerações iniciais e considerações finais: a) o gênero discursivo ladrão de Marabaixo; c) a PAL/S em perspectiva dialógica; d) A Sequência de Análise Linguística, na qual estabelecemos os diálogos entre teoria e dados analisados.

O GÊNERO DISCURSIVO LADRÃO DE MARABAIXO

O Marabaixo é uma manifestação cultural e religiosa, de ancestralidade africana, própria de comunidades afro-amapaenses, cuja expressão é constituída por ritos religiosos do catolicismo popular, canto, música e dança. De acordo com o Dossiê de registro do Marabaixo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (Brasil, 2018b), dados históricos e relatos da memória coletiva corroboram sua gênese ao traslado dos antepassados escravizados à Amazônia amapaense em decorrências da construção da Fortaleza de São José, em 1768, e do remanejamento das famílias portuguesas da Mazagão africana para a Vila Nova Mazagão, em 1771, hoje Mazagão Velho – Amapá.

O nome “Marabaixo” remete aos corpos escravizados jogados dos navios negreiros marabaixo enquanto os negros entoavam hinos de lamento (Brasil, 2018b). No Amapá, passou a ser significado como memória e resistência étnica e cultural, incorporando tradições e costumes locais. Os elementos que lhe constituem são os ladrões – composições poéticas entoadas na roda de marabaixo – a dança, a percussão e saberes relacionados à produção, à manipulação dos objetos musicais e à alimentação. Sua existência é vinculada aos ritos religiosos, como: “missas, ladainhas, novena, leilão, procissão, coroação da imperatriz, levantamento e derrubada de mastro, quebra da murta, cortejos” (Brasil, 2018b, p.44).

O ladrão de Marabaixo é o enunciado verbal a partir do qual os participantes se comunicam na roda, por meio da dança e do canto. De acordo com Oliveira (2015), os ladrões estão intrinsecamente relacionados à transmissão e recepção oral, cuja elocução é marcada pela desenvoltura do cantador, por meio da voz e do gargo⁵, que dá acabamento ao enunciado. Como poesia oral, é determinado pelas condições imediatas de sua existência: a produção e circulação,

⁵ Diz-se do que tem “garganta” boa, voz para puxar o Ladrão nas rodas de Marabaixo: “os puxadores - são os que são dotados de bom “gargo”, como diz Sebastião. Isto significa ter boa voz, ou seja, um tom de voz alto e firme o suficiente para ser ouvido para além do som dos instrumentos (...)” (Oliveira, 2006, p.47).

a composição formal, a finalidade específica e o acabamento performático. Assim, o ladrão tem “o caráter de oralidade primária, uma vez que todo processo de existência se dá pelas vias da oralidade” (Oliveira, 2015. p. 143).

À luz de Bakhtin (2016 [1979]), os ladrões de marabaixo, ao serem “tirados” no improviso, nas condições da interação imediata – as rodas de marabaixo – e vinculados imediatamente aos demais enunciados alheios, por meio do “roubo” do verso, constituem-se como gêneros primários. Na atualidade, dados os contextos de transformações sociais e históricas pelos quais o Marabaixo passou e aqueles que moldam os sujeitos, as formas de interação e comunicação, podemos dizer que esse gênero se torna secundário. Prova disso é que, atualmente, os ladrões são apenas repetidos, não mais criados de improviso, como outrora (Oliveira, 2006). Conforme Bakhtin (2016 [1979]), os gêneros secundários decorrem de um processo cultural mais complexo, mais evoluído e sistematizado, o que tem ocorrido com a produção desse gênero no meio escolar. A exemplo, o ladrão “Canto das lavadeiras” (Madureira, 2029), produzido no contexto do projeto “Cantando Marabaixo nas escolas”.

O nome “ladrões” é explicado a partir do “roubo” de cenas cotidianas ou mesmo do “roubo” do verso entoado por outro ladronista em contexto de desafio. O roubo do cotidiano ocorria quando o ladronista se apropriava do dia a dia da comunidade, de seus modos de se significar e viver a realidade para recriá-la, à sua maneira, na roda de Marabaixo. Em relação ao desafio, o Dossiê do Marabaixo (Brasil, 2018b, p. 16) traz a explicação: “[...]os cantadores [...] devem surpreender uns aos outros com versos complementares que vão encadeando-se (sic), dando sentido à canção e cumprindo a função social esperada”. Segundo Daniela Oliveira (Brasil, 2018b), roubar o verso do outro e dar outro rumo ao canto era uma habilidade que garantia o poder da palavra ao ladronista e a reverência à sua criatividade.

Oliveira (2015) explica que os ladrões são atos de fala que ocorrem no contexto do Marabaixo, em sua parte profana⁶ – ou lúdica, como definem Reis, Maciel e Pereira (2021). Logo, ladrão é o nome dado ao canto lúdico, cuja expressão é de exclusividade do Marabaixo, com fins de lazer e diversão. Coelho (2021) refere-se ao ladrão como canções tradicionais;

⁶ Oliveira (2015) categoriza os cantos entoados no Marabaixo como religiosos e profanos. Estes são relacionados ao Marabaixo enquanto atividade cultural que envolve a dança, os ladrões de Marabaixo, o toque dos tambores e caixa de Marabaixo, as comidas e bebidas, como a gengibirra – cachaça e gengibre. Em Cid e Coutinho (2020) uma cantadeira de Marabaixo explica que o termo é avaliado como “aquilo que não é de Deus”, sentido não aceito pelos marabaixeiros que se identificam melhor com o termo lúdico, pois significa alegria do encontro. Em respeito à opção dos marabaixeiros, adotamos, daqui para frente, o termo “lúdico”.

enquanto Videira (2010) chama-os de cantigas. Desse modo, o ladrão de Marabaixo filia-se/inscreve-se nos fios discursivos do canto, das canções, da cantiga até adquirir características próprias das comunidades marabaixeras, como sua forma de execução: o coro é entoado pelos cantadores, em geral mulheres, que repetem, na roda, o refrão após a entoação de cada estrofe cantada pelos puxadores do ladrão que, em geral, eram (são) também os tiradores de ladrão, aqueles que se constituíam como autores dos enunciados (Oliveira, 2006).

A composição dos ladrões e seu acabamento estético são efetivados em versos e estrofes a constituir, por vezes, uma narrativa. Oliveira (2006) explica que não há uma regularidade na quantidade de versos. As estrofes não têm limites em termos de quantidade ou ocorre de uma mesma estrofe compor ladrões diferentes. Sua composição pressupõe combinação entre refrão e estrofes, sem obrigatoriedade de continuidade temática. “As estrofes apresentam certa fixidez na forma, na maioria absoluta dos cantos. Apresentam a estrutura de quatro versos, seguidos sempre do refrão. De forma geral, apresentam rima irregular” (Oliveira, 2015, p. 151).

Quanto ao conteúdo temático, Oliveira (2006) identifica as experiências arraigadas ao cotidiano, ao bucolismo, destacando a flora e fauna amazônica amapaense, além da religiosidade católica. Já em estudos posteriores, Oliveira (2015) identifica como temas, a vida cotidiana entrelaçada pelo vivido e pelo imaginado; a identidade e a resistência, como causa social. Para Coelho (2021), independente do contexto, as lamentações e as labutas diárias encorpam os dizeres cantados, entrelaçando o sagrado e o lúdico.

O estilo do gênero compõe-se de recursos linguísticos-expressivos que mobilizam o léxico inerente às variedades linguísticas regionais próprias do cotidiano. A variedade de registro está relacionada à informalidade. Pode apresentar rimas, paralelismo, métrica (Oliveira, 2015), linguagem metafórica e elementos da narrativa e outros decorrentes do estilo-autor, específicos ao seu projeto de dizer. Nesse aspecto, percebemos que há, ainda, necessidade de investigação sobre o estilo verbal desse gênero, o que pode ser explorado em outras pesquisas.

À compreensão do Marabaixo, Videira (2010) defende os valores afrocêntricos como a ancestralidade, a palavra, o senso de comunidade e a religiosidade, como imprescindíveis. Segundo a autora, o sentido primeiro da manifestação cultural é o religioso comunitário. Sob ele, estão a reverência à história, à hierarquia dos organizadores das festas, à comunidade, à terra como expressões ancestrais. A palavra, em sua sonoridade e sentido, é meio de registro e documento dos conhecimentos herdados relacionada à transmissão desses às gerações futuras.

Com essa compreensão, o tambor tem voz e a palavra é força criadora e legitimadora de saberes, como se vê no ladrão de Marabaixo.

A PAL/S EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

A PAL/S em perspectiva dialógica consolida-se com os avanços nos estudos de Bakhtin e o Círculo (Volóchinov, 2021 [1979]; 2019 [196]; Bakhtin, 2016 [1974]; 2019 [1940-1960]; 2020 [1920-1924]), cujos postulados afirmam que “Toda a existência possível e todo o sentido possível se dispõem ao redor de um ser humano como centro e valor único” (Bakhtin, 2020 [1920-1924], p. 124). As expansões decorrem da compreensão dos gêneros discursivos e das axiologias sociais como projeções das relações ético-sociais e reenunciam os postulados teórico-metodológicos de Geraldí (2004; 2013) e Franchi (1991). A expansão da PAL, propalada por pesquisadores como Polato (2017), Costa-Hübes (2017), Acosta Pereira (2018), Polato e Menegassi (2019), Ohuschi (2019), Ohuschi e Menegassi (2024), e da PAL/S, suscitada por estudiosos como Costa-Hübes e Acosta Pereira (2023), Polato e Mendonça (2024), volta-se à sala de aula, devido à lacuna de “[...] práticas completamente efetivas e satisfatórias de Análise Linguística por parte dos professores, seja em formação inicial ou continuada” (Polato, 2017, p. 180).

Conforme defende Polato (2017), a PAL visa a uma educação em linguagem para a transmutação das relações sociais marcadas pelas discrepâncias sociais, pelos embates ideológicos que renegam muitos, em detrimentos de poucos. Busca contemplar práticas democráticas voltadas às diversidades, a partir de um processo reflexivo sobre visões ideológicas, historicamente, tidas como “corretas”, “padrões”, “adequadas”. Assim, a proposta de PAL/S, a partir de enunciado do ladrão de Marabaixo, responde como posicionamento assertivo na inserção de discursos produzidos por afroamapaenses e de sua cultura secular no âmbito escolar.

Isso envolve a compreensão ativa e a produção de discursos éticos, as quais decorrem de posturas representativas de valores coletivos mirando a autonomia de sujeitos produtores de enunciados (Polato, 2017). Em decorrência disso, a PAL é o eixo central de um trabalho que congrega organização discursiva, as valorações humanas e formas gramaticais em prol da formação e do desenvolvimento de consciências reflexivas, ativas e éticas no meio social

(Polato, 2017). Sua metodologia, ao privilegiar o social em relação ao linguístico, favorece, também, o intercâmbio entre práticas ancestrais e saberes contemporâneos.

Nesse sentido, são imprescindíveis ao trabalho com a PAL: a interpretação valorativa dos textos, o desvelamento axiológico percebido no plano estilístico-gramatical das categorias linguístico-enunciativas e discursivas (Polato; Menegassi, 2019). Um exemplo é a análise dialógica sobre o ladrão *Aonde tu vai rapaz* (Santos; Ohuschi, 2023), desenvolvida previamente à elaboração teórico-metodológica. Nessa perspectiva, os alunos são vistos como coautores de textos mobilizados em gêneros, enquanto dos professores se espera a assunção da autoria em relação a elaborações didáticas e à mediação que favoreçam a autonomia discente, pois a PAL “[...] exige do sujeito-aluno, coautor de enunciados, a compreensão dos valores socioideológicos que permeiam a produção discursiva” (Polato; Menegassi, 2019, p. 6).

Na última década, a base teórico-metodológica da PAL/S considera que as atividades, em situação pedagógica, envolvam a produção e a compreensão contextualizada e demarcada de textos orais, escritos ou multimodais concebidos a partir dos gêneros. Os aspectos semióticos presentes em textos multimodais passam a ser defendidos, a dar vazão às interações humanas contemporâneas mediadas por signos multissemióticos (Polato; Mendonça, 2024). Em decorrência, as elaborações de PAL/S passam a explorar, em textos orais: “[...] os elementos próprios da fala – como ritmo, altura, intensidade, clareza de articulação, variedade linguística adotada, estilização etc. –, assim como os elementos paralinguísticos e cinésicos – postura, expressão facial, gestualidade” (Brasil, 2018a, p. 80) e na multimodalidade, aspectos inerentes ao estilo e composição próprios (Mendes-Polato; Ohuschi; Menegassi, 2020) fundidos a contextos imediatos e mais amplos.

Em geral, as práticas de linguagem se complementam na abordagem de aspectos sociais e linguísticos/semióticos nas propostas. A oralidade é explorada em rodas de conversas, debates, exposições, por exemplo, incorrem em avaliações iniciais ou processuais sobre o tema, de modo que os estudantes suscitem seus modos de ver, compreender e avaliar os já ditos (Gomes; Ohuschi; Menegassi, 2022). A leitura é mobilizada em suas formas: silenciosa, compartilhada (Ritter; Ohuschi, 2022) e entonacional, a fim de favorecer a compreensão valorada da entonação. As atividades de escrita passam a ser abordadas no decorrer da proposta, a partir de gêneros como comentários, respostas argumentativas, relatos, de modo a levar o

sujeito-aluno a experienciar o uso de recursos estilístico-gramaticais no exercício da escrita, sem obrigação de culminar na escrita do gênero estudado (Ohuschi; Menegassi, 2021; 2024).

Dessa forma, as atividades linguísticas são orientadas pela tomada do gênero em sua arquitetura linguística e extralinguística (Polato; Menegassi, 2020). Envolve a compreensão ativa, contextualizada e demarcada, de forma imediata e ampla, de um tema impresso em textos orais, escritos, (multi)semióticos, por meio das quais ocorre compreensão e a produção ética de novos discursos (Polato; Menegassi, 2020; Ritter; Ohuschi, 2022).

As atividades epilinguísticas desdobram-se sobre as dimensões extralinguísticas e linguísticas do enunciado, cujas materialidades linguísticas e de outras semioses, em sua historicidade e na atualidade, mobilizam reflexões com e sobre a linguagem percebida na planície do texto, orientadas pelo professor analista, apropriadas no processo pelo próprio aluno (Polato; Mendonça, 2024). São voltadas à compreensão valorada e à reflexão de aspectos sociais e éticos das relações sociais pela mobilização das axiologias sociais, das relações dialógicas, das vozes sociais, das evidências cronotópicas, das composições textuais (Mendes-Polato; Ohuschi; Menegassi, 2020; Polato; Menegassi, 2020). Para tanto, o foco de análise recai sobre o recurso expressivo tomado como elemento representativo da compreensão e análise do enunciado como um todo, pois suas configurações semânticas e axiológicas não são desvinculadas da íntegra do enunciado (Polato; Mendonça, 2024).

As atividades metalinguísticas coadunam quadros nocionais consolidados às interpretações expansivas axiológicas suscitadas pela epilinguagem e abordam aspectos fonológicos, morfológicos, morfossintáticos ou sintáticos, aspectos notacionais da escrita atravessados pelos processos de valoração e acenam ao seu caráter inconcluso (Polato; Menegassi, 2019; Mendes-Polato; Ohuschi; Menegassi, 2020; Polato; Menegassi, 2020; Ritter; Ohuschi, 2022). Em geral, notamos abordagem cognitiva como identificação, descrição, comparação, reformulações, conceituações, classificações dos elementos linguísticos percebidos como marca estilístico-gramatical do enunciado, seguida de reflexões dialógicas, com apreciações valorativas e expansões que fundem o discurso do texto com a vida.

As propostas teórico-metodológicas ampliam, portanto, a compreensão da constituição das atividades de PAL/S, a partir da explicitação de características, dos modos de elaborar, de analisar e implementar essas atividades na sala de aula. Por meio delas, tem-se a expectativa da autoformação docente propiciadas pela vivência da implementação em suas práticas. A seguir,

compartilhamos nossa proposta delineada a partir do ladrão de Marabaixo, como contribuição à afirmação e expansão da PAL/S em direção a transformações sociais.

A SEQUÊNCIA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA – SAL

A elaboração da SAL parte do enunciado concreto *Aonde tu vai rapaz*, de autoria de Raimundo Ladislau, um dos líderes de uma das comunidades negras de Macapá. A versão que utilizamos foi registrada por Manuel Nunes Pereira, em 1949 e documentada no Dossiê do Marabaixo (Brasil, 2018b). Esclarecemos que, previamente à produção da SAL, empreendemos análise dialógica do enunciado que pode ser conferida na íntegra em Santos e Ohuschi (2023).

Excerto 1

Aonde tu vai rapaz

Aonde tu vai rapaz
 Por esses campos sozinho
 Vou construir minha morada
 Lá nos campos do Laguinho

Quando vim da minha casa
 Me perguntou como passou
 Rapaz eu não tenho casa
 Tu me dá um armador

Destelhei a minha casa
 Com a intenção de retelhar
 Mas a Santa Engrácia não fica
 Como a gente pode ficar?

Estava na minha casa
 Conversando com a companheira

Não tenho pena da terra
 Só tenho do meu coqueiro

Largo de São João
 Já não tem nome de santo
 Hoje é reconhecido
 Por Barão do Rio Branco

A Avenida Getúlio Vargas
 Tá ficando que é um primor
 Essas casas foram feitas
 Pra só morar os doutor

Dia primeiro de junho
 Eu não respeito o senhor
 Eu saio gritando viva
 Para o nosso governador

(Raimundo Ladislau. Versão registrada no Dossiê do Marabaixo, 2018, p. 18-19).

A SAL, ancorada em Mendes-Polato, Ohuschi e Menegassi (2020), em Ohuschi; Menegassi (2021; 2024) e em Ritter; Ohuschi (2022), e implementada com professoras em contexto de formação continuada, foi sistematizada em cinco blocos, cujos desdobramentos envolvem as dimensões social e verbal do enunciado, por meio da integração da oralidade, da leitura e da escrita. Na dimensão social, exploramos aspectos extralinguísticos via relações

dialógicas. Na dimensão verbal, contemplamos a PAL/S via atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas, em três blocos temáticos a) título e refrão; c) 2^a, 3^a e 4^a estrofes; d) 5^a, 6^a e 7^a estrofes. No quadro 1, apresentamos o plano global da SAL e, em seguida, apresentamos e discutimos cada bloco, com exemplos de atividades elaboradas na pesquisa maior.

Quadro 1 – Sequência de Análise Linguística em perspectiva dialógica

Dimensões do gênero	Blocos	Sub-blocos
Social	1 Relações Dialógicas Preliminares	1.1 Diálogo sobre o contexto sociocultural
		1.2 Avaliação social sobre o tema
	2 Relações Dialógicas Imediatas	2.1 Interação com enunciado
	3 Relações Dialógicas Subsequentes	3.1 Diálogo interdiscursivo
Verbal	4 Constituição dialógica do enunciado concreto	4.1 Contexto de produção imediato
		5.1 Título “Aonde tu vai rapaz” e refrão
		5.2 Segunda, terceira e quarta estrofes
		5.3 Quinta, sexta e sétima estrofes

Fonte: Elaborado pelas autoras.

RELAÇÕES DIALÓGICAS PRELIMINARES

As relações dialógicas preliminares são compreendidas como as atividades prévias que favorecem as relações dialógicas entre os discursos constitutivos dos participantes da comunicação com os já-ditos (Mendes-Polato; Ohuschi; Menegassi, 2020). As atividades desse bloco foram desenvolvidas via oralidade em dois momentos: a) Diálogo sobre o contexto sociocultural; b) Avaliação social sobre o tema. O primeiro buscou conhecer opiniões, apreciações emotivo-volitivas, juízos de valores, as relações das professoras em formação continuada com o Marabaixo, na vida e no contexto escolar. O segundo momento focou no conhecimento delas acerca do ladrão, do tema e de trabalhos pedagógicos com o gênero em sala de aula, e sobre o contexto sócio-histórico ideológico do tema.

Quadro 2 - “Diálogo sobre o contexto sociocultural: atividades propostas”

1.1 Diálogo sobre o contexto sociocultural

1. Observe as imagens abaixo. Que aspectos socioculturais do Amapá elas representam para você e para o Estado do Amapá? Que sensações e sentimentos elas despertam em você?



Figura 1 Marabaixo no Curiaú -
 Edivaldo Ribeiro/2015



Figura 2 IPHAN (Brasil, 2018b)

2. Vamos conversar um pouco sobre o contexto sociocultural de Macapá?

- a) Vocês sabem qual é a manifestação cultural típica do Amapá?
- b) Você já participou de uma roda de Marabaixo ou assistiu uma apresentação? Como foi?
- c) Para você, o que é o Marabaixo?
- d) Qual é o nome dado aos cantos entoados na roda de Marabaixo?
- e) Vocês sabem que nome recebe a pessoa que canta na roda de Marabaixo?
- f) Como vocês veem o Marabaixo no Amapá?
- g) Vocês já trabalharam alguma vez o Marabaixo na sala de aula? Se sim, como foi?
- h) Na opinião de vocês, é importante que manifestações culturais adentrem os espaços educacionais oficiais? Por quê?
- i) No que se refere aos cantos do Marabaixo, vocês conhecem algum de memória?
- j) Vocês já usaram esses enunciados verbais para desenvolver atividades de língua portuguesa com seus alunos? Se sim, como foi?

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No primeiro momento, instigamos o olhar avaliativo acerca do Marabaixo. Para Bakhtin (2020 [1920-1924]), o mundo em que o ato se desenvolve realmente é unitariamente vivido: ele é percebido, sentido, ouvido, tangido, pensado pelos tons emotivos-volitivos. Olhar a cultura marabaixeira pela lente do emotivo-volitivo recrudesce nossa proposta, pois nossas emoções atuam como “[...] o centro concreto responsável pela multiplicidade concreta no mundo” (Bakhtin, 2016 [1920-1924], p. 118). No segundo momento, procuramos ativar os discursos adormecidos sobre esse tema e atualizá-los no âmbito da interlocução, na expectativa de nos permitir ouvir vozes que modifiquem as nossas (Geraldi, 2015). Com isso, lançamos luz, também, à questão do lugar social dos discursos expressados por sujeitos autores no âmbito da cultura do Marabaixo dentro da escola, a partir das questões a seguir.

Quadro 3 - “Avaliação social sobre o tema”

1.2 Avaliação social sobre o tema

1) Hoje vamos trabalhar com o ladrão de Marabaixo intitulado “*Aonde tu vai rapaz?*”. Levante hipótese: que tema esse enunciado abordará?

2) Que discursos vocês já ouviram sobre a urbanização da cidade de Macapá na década de 1940? Relate brevemente.

3) Leia o que escreveu uma pesquisadora sobre a organização da cidade de Macapá na década de 1940 e uma das moradoras do lugar, naquela época. A descrição da cidade ajuda a compreender mais sobre a organização urbana e social da sociedade naqueles idos.

I. O lugar compreendia o espaço de duas praças, sendo que na primeira (São Sebastião) estava a igreja – representando o poder religioso. Nas laterais se posicionavam as casas dos párocos, e a escola, antiga Casa da Câmara. [...]Do lado oposto à Igreja, foi edificada a Intendência, lugar das decisões do administrador e dos funcionários que exerciam cargos públicos: fiscais e juízes. Nesse espaço lateral da praça ainda moravam e tinham comércios os marroquinos, a exemplo da família Zagury. Atrás da igreja morava parte dos afrodescendentes em casas de taipas e cobertas de palhas. O lugar ficou conhecido como o formigueiro, quiçá pela grande quantidade de reinos de formigas [...]ou pode estar associada à aglomeração de casas das famílias afro-macapaenses (Bezerra, 2008 apud Luna, 2017, p. 104-105).

II. Eu morava atrás da Igreja São José, no Formigueiro. Macapá era só até ali. Não tinha mais nada, só mato. Não tinha energia elétrica, água encanada, carro e nem avião. Quando Janary chegou querendo aumentar a cidade, quem não podia fazer uma casa melhor, ele botou aqui para o Laguinho e outros para a Favela [atualmente bairro Santa Rita]. Foi assim que saiu o ladrão 'Pra onde tu vais, rapaz?', e eu vim pra cá com a minha família", recorda a centenária (Tia Zefa⁷).

a) A partir das palavras da pesquisadora e do depoimento de Tia Zefa e, também, do seu conhecimento sobre o remanejamento de moradores e o impacto que isso causou na vida de muitas pessoas, como vocês avaliam o tema? Comente.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Segundo Volóchinov (2019 [1926]), não é possível compreender os sentidos de um enunciado sem que se conheça o contexto em que eles são produzidos. Dessa maneira, nessas questões, entrelaçamos fios dialógicos de tempo e campos discursivos diferentes: o popular, o científico, o político, o educacional, cujos discursos podem ser objetos de debates, reflexões, estudos, diálogos. Com isso, possibilitamos a ampliação socioideológica a respeito dos já-ditos e já-sabidos, assim como, referenciamos a mobilização de conhecimentos teórico-práticos sobre relações dialógicas via atividades com o ladrão de Marabaixo.

RELAÇÕES DIALÓGICAS IMEDIATAS

Tia Zefa (Josefa Lina da Silva) em entrevista à Fabiana Figueiredo, compondo 'ladrões' de marabaixo, tia Zefa completa 100 anos de vida, no ap. g1 amapá, 26/02/2016 16h33 - atualizado em 26/02/2016 16h33. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2016/02/compondo-ladros-de-marabaixo-tia-zefa-completa-100-anos-de-vida-no-ap.html> Acesso em: 02 out. 2023. No amapá, as senhoras que mantêm a tradição do Marabaixo são conhecidas como as “tias do Marabaixo”.

Volume 26

Número 60

Para Volóchinov (2021 [1929]), é apenas a partir do contato com o enunciado organizado e sistematizado em práticas sociais situadas que a profusão de sentidos pode ocorrer, pois toda comunicação discursiva é um elo interativo, instituído em uma situação a estabelecer vínculo entre discursos antecedentes e subsequentes. Nesse sentido, o contato com o enunciado, por meio da leitura, silenciosa e com entonação valorativa, incorre em uma relação dialógica imediata, pois suscita sentidos, reações, valorações como ação responsiva inerente ao princípio dialógico da linguagem. Logo, este bloco torna-se “[...] palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos [...]” (Bakhtin, 2016 [1979], p. 61).

O texto está organizado para que a leitura com entonação valorativa ocorra a partir de um contexto de enunciação: dois enunciadores dialogam sobre os fatos sociais apresentados no *corpus* do ladrão de Marabaixo. Antes, porém, é importante que a leitura silenciosa ocorra, pois ela oportuniza ao leitor a decodificação dos significados impressos, à elaboração mental do tom e do ritmo e à apropriação do dizer do contexto enunciativo a partir de uma interlocução própria com o texto, a dar início às primeiras avaliações valorativas (Ritter; Ohuschi, 2022). Com a leitura com entonação valorativa, é possível favorecer a compreensão do enunciado vivo, de sua força, pausas e tonalidades a expressar sentidos e avaliações sociais impressos perceptíveis apenas pela entonação. Ao fim, sugerimos o encaminhamento de uma discussão oral para a socialização das impressões iniciais a respeito do tema valorado via entonação (Ritter; Ohuschi, 2022).

Quadro 4 - Atividade de leitura do enunciado

2.1.1. Neste momento, vamos ler o texto *Aonde tu vai rapaz*, silenciosamente. Em seguida, vamos fazer a leitura entonacional valorativa em duplas, simulando o encontro entre dois amigos. Depois, vamos ouvir/ver a entoação de uma versão desse ladrão.

2.1.2 Leitura entonacional valorativa – orientações

Considere a situação: Um interlocutor encontra um conhecido e o interpela, em tom de cumprimento, sobre o acontecimento que afeta a vida deles, a reforma urbana de Macapá, na década de 1940.

Interlocutor 1, aquele que inicia a interação pela saudação,

Interlocutor 2, aquele que perdeu sua casa e precisa construir outra “lá nos campos do Laguinho”.



Fonte:
<https://youtu.be/N5I4L4K-jfk>

Estrofes	Turnos de fala
	Aonde tu vai rapaz - (Raimundo Ladislau)
Estrofe 1	Interlocutor : Aonde tu vai rapaz /Por esses campos sozinho

	Interlocutor 2: Vou construir minha morada/Lá nos campos do Laguinho
Estrofe 2	Interlocutor 1: Quando vim da minha casa/Me perguntou como passou
	Interlocutor 2: Rapaz eu não tenho casa/Tu me dá um armador
Estrofe 3	Interlocutor 2: Destelhei a minha casa/Com a intenção de retelhar Mas a Santa Engrácia não fica/Como a gente pode ficar?
Estrofe 4	Interlocutor 1: Estava na minha casa/Conversando com a companheira Não tenho pena da terra /Só tenho do meu coqueiro
Estrofe 5	Interlocutor 2: Largo de São João /Já não tem nome de santo Hoje é reconhecido/Por Barão do Rio Branco
Estrofe 6	Interlocutor 1: A Avenida Getúlio Vargas/Tá ficando que é um primor
	Interlocutor 2: Essas casas foram feitas/Pra só morar os doutor
Estrofe 7	Interlocutor 2: Dia primeiro de junho/Eu não respeito o senhor Eu saio gritando viva/Para o nosso governador
a) A partir da atividade de leitura (silenciosa e com entonação valorativa), como você compreendeu e avalia o trabalho com a entonação valorativa na leitura?	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A organização das estrofes para a leitura com entonação valorativa foi apresentada para garantir os turnos de falas, a alternância das vozes dos sujeitos e a conclusão dos enunciados (Bakhtin, 2016 [1979]). Esse viés de leitura é necessário porque é pela entonação que o sujeito demarca seu posicionamento ativo em relação aos valores condicionados pela existência social (Volóchinov, 2019 [1926]), dando visibilidade à dissidência entre os moradores remanejados. enquanto uns concordaram com as decisões governamentais, outros as confrontaram e reiteraram suas angústias e discordâncias. Ao fim do bloco, instigamos a recepção avaliativa das docentes para oportunizar reflexões sobre a atividade, o que também pode ser feito se direcionado a alunos. Em seguida, é importante que ocorra a escuta (de uma versão) do ladrão de marabaixo pois toda compreensão e avaliação engloba o extraverbal, de forma que as relações dialógicas imediatas se ligam a outras para dar visibilidade à vida fora do texto, que impregna o enunciado por dentro (Volóchinov, 2019 [1926]). Assim, a atividade de leitura é expandida no ensino e na aprendizagem como prática viva e dialógica, a qual é imprescindível à reflexão sobre as percepções, as emoções, os efeitos e valores suscitados na e pela leitura.

RELAÇÕES DIALÓGICAS SUBSEQUENTES

No bloco 3 da SAL, elaboramos atividades que se voltaram às relações entre o enunciado-texto e discursos outros: o Dossiê do Marabaixo (Brasil, 2018b), o discurso do Rio Amazonas, de Getúlio Vargas (Vargas, 1941, p. 229), o artigo de Andrade e Hochman (2007) e uma notícia sobre despejo de uma comunidade quilombola (Andes, 2022). Assim, o discurso do enunciado-texto *Aonde tu vai rapaz* conectou-se a outros fios discursivos no contexto da formação continuada, tida como situação concreta da interação, a favorecer a ampliação da consciência socioideológica, pois “[...] É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições” (Bakhtin, 2016[1979], p. 57).

Quadro 5 - Atividades sobre as Relações Dialógicas Subsequentes

1. A versão do ladrão de Marabaixo que estamos estudando foi publicada no Dossiê do Marabaixo, registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 2018, quando do reconhecimento dessa manifestação cultural como patrimônio imaterial do Brasil. Em que, esse fato é importante para a compreensão e valoração do enunciado em questão?

2) Leia: Na década de 1940, a região Amazônica passou a despertar interesse do Estado Nacional. Sob o lema “Integrar para não entregar”, o estado pretendia “conquistar a terra, dominar as águas, sujeitar a floresta” (Vargas, 1941, p. 229) e, assim, colonizar a Amazônia. Para isso investiu-se em obras de urbanização, como saneamento básico e atendimento à saúde pública, para combater doenças como a malária, vista como problema à integração da Amazônia ao restante do país (Andrade; Hochman, 2007).

a) Comente: qual a relação desses fatos históricos com o ladrão de marabaixo em estudo?

3) Na época da urbanização da cidade de Macapá, hoje centro da cidade, as pessoas que moravam na Beira, Vila Santa Engrácia e Largo de São João, predominantemente, afroamapaenses, foram remanejadas para o Bairro do Laguinho.

a) Faça uma pesquisa de imagens e informações sobre a cidade de Macapá na década de 1940, em especial sobre o bairro do Laguinho e da Favela e a retirada dos moradores dos lugares que seriam revitalizados. Deixe sua pesquisa no nosso padlet com comentário. Não esqueça de mencionar as fontes.

4) Leia esta notícia: “Cerca de 300 famílias quilombolas no Amapá lutam contra despejo de comunidade secular”, de 29/11/2022.. De acordo com a notícia, moradores da comunidade quilombola Lagoa dos Índios Arco da Ressaca em Macapá -AP receberam ordem judicial para a saída do lugar. Os moradores alegam que o quilombo foi formado desde 1918.

Disponível em.

<https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/cerca-de-300-familias-quilombolas-no-amapa-lutam-contra-despejo-de-comunidade-seculardecisao-da-justica-estadual-determina-que-as-familias-sejam-removidas-no-dia-5-de-dezembro1> Acesso em: 01 out. 2023

a) A partir dessa notícia, é possível afirmar que o ladrão de marabaixo “Aonde tu vai rapaz” ainda é atual? Por quê?

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Discutir os significados e as relações de sentido e de valores entre um discurso e outro favorece a adoção de posicionamentos éticos e responsivos que rendem reflexões sobre o sujeito histórico e culturalmente situado. Assim, a proposição de atividades voltadas às relações dialógicas subsequentes implica reflexões sobre imbricações interdiscursivas, polifonia de vozes relacionadas a campos da documentação histórica, da política, do jornalismo. A combinação dessas atividades leva à expansão da consciência socioideológica acerca do tema do enunciado a fortalecer o discurso novo porque, segundo Bakhtin (2016 [1979]) é por meio da experiência com os enunciados dos outros que formamos e desenvolvemos a nossa.

A CONSTITUIÇÃO DIALÓGICA DO ENUNCIADO CONCRETO

Neste bloco, as atividades elaboradas englobam: a autoria e seu valor social; o reconhecimento dos possíveis interlocutores sociais e suas relações com a constituição do enunciado-texto; a função social do enunciado concreto, desdobradas em objetivo, finalidade social e intenção discursiva (Mendes-Polato; Ohuschi; Menegassi, 2020); as características do gênero discursivo e a oralidade (Videira, 2010; Oliveira, 2015; Coelho, 2021).

Quadro 6 - Atividades sobre a constituição dialógica do enunciado concreto.

1. Apesar de ser um personagem muito famoso na cultura do Marabaixo, no Amapá, não foi possível encontrar nos domínios da internet uma biografia do ladronista Raimundo Ladislau. Que tal buscarmos informações e juntos compormos um resumo biográfico desse importante ladronista?
 - a) Faça uma pesquisa sobre a biografia desse importante personagem da cultura do Marabaixo e registre o que descobrir.
 - b) Que valor social, a produção e a publicação da biografia do autor social, tem para a cultura do marabaixo?

2. Todo enunciado tem um auditório social, onde se forma, e um horizonte social, é dirigido a alguém, que o recebe e de seu lugar interage e dialoga com os ditos enunciados. Sendo assim:
 - a) Quem são os interlocutores reais do ladrão “*Aonde tu vai rapaz*”? Como eles contribuem para o valor ancestral do Marabaixo?
 - b) Quem seriam os interlocutores virtuais? Como esses interlocutores contribuem para o valor social do ladrão de marabaixo?
 - c) Quem poderia preencher o papel de interlocutor superior do ladrão de marabaixo em estudo, ou seja, aquele(s) a quem era direcionado o dizer do autor? Como esse interlocutor influencia o dizer do autor social?

3. Reflita sobre a função social do ladrão de marabaixo *Aonde tu vai rapaz* e responda:
 - a) Qual é o objetivo desse ladrão de marabaixo?
 - b) Qual é a finalidade comunicativa desse ladrão de marabaixo?

c) Que intenção(ões) discursiva (s), o autor social teria pretendido com esse ladrão?

4. Todo enunciado compõe-se de aspectos externos (aspectos históricos, sociais, culturais, ideológicos) e internos (aspectos linguísticos e textuais) ao enunciado. Essa arquitetônica tem a ver, também, com as características do gênero. Assinale, a seguir, as alternativas verdadeiras quanto à arquitetônica do enunciado em estudo.

- a) () Ladrões de marabaixo abordam temas cotidianos.
- b) () Ladrões de marabaixo têm como objetivo a crítica social.
- c) () A linguagem dos ladrões é própria da cultura oral.
- d) () Os ladrões de marabaixo têm seus registros escritos na norma culta.
- e) () O ladrão traz vozes sociais de pessoas comuns da comunidade afroamapaense.
- f) () O ladrão tem um tom próprio que revela valores identitários da cultura afroamapaense.
- g) () O nome "ladrão de marabaixo" consiste no roubo do verso ou no roubo do cotidiano.
- h) () O ladrão revela valorizações sociais, étnicas e culturais dos afroamapaenses.
- i) () O ladrão de marabaixo se filia aos fios do canto e da cantiga.
- j) () O gênero ladrão de marabaixo é produzido em prosa.

5. A partir do diálogo com o enunciado, entendemos que o ladrão *Aonde tu vai rapaz* é de natureza oral e foi produzido para ser entoado em rodas do Marabaixo. Em uma época que não havia tantos meios para gravação da voz como hoje, desenvolva um comentário sobre o valor da oralidade como forma de produção e transmissão ancestral, a qual contribuiu para a repercussão desse ladrão na sociedade amapaense da época e para o enfrentamento às instâncias governamentais.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ao mobilizarmos relações com a produção imediata, favorecemos a construção de sentidos, pois a compreensão do tom, do estilo e da forma do enunciado são determinados pela situação e participantes imediatos (Volóchinov, 2021 [1929]). Assim, a consideração do contexto dialógico leva o enunciado a ser percebido a partir de um lugar e tempo social e discursivo, que influencia contrarresposta dos interlocutores, pois tais espaços são constituintes de sentido. Ao explorarmos as características do ladrão de Marabaixo, possibilitamos o estabelecimento de relações entre a língua e a vida a dar relevância sobre a historicidade do material linguístico (Bakhtin (2016 [1979])). Além disso, as reflexões sobre o valor da oralidade enquanto ferramenta de produção e difusão do ladrão de marabaixo encorpam voz no sentido de promover culturas e identidades orais, modos de existência que se reconhecem na e a partir da oralidade (Geraldí, 2015).

PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA INTEGRADA À LEITURA E À ESCRITA

O bloco 5 da SAL contemplou a Prática de Análise Linguística em perspectiva dialógica via leitura e escrita e desdobrou-se em três blocos: a) título e refrão do enunciado; b) 2^a, 3^a e 4^a

estrofes; c) 5^a, 6^a e 7^a estrofes. A partir desse agrupamento, desenvolvemos atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas (Geraldi, 2013; Polato, 2017; Polato; Menegassi, 2019; Ohuschi, 2019; Mendes-Polato; Ohuschi; Menegassi, 2021; 2024, Ohuschi; Ritter, 2022), identificadas, respectivamente, com os códigos (Ling), (Epi), (Meta), em negrito. A organização composicional das questões elaboradas, em todas as suas ocorrências, deu-se de forma identificada, sequenciada e recursiva.

As atividades de PAL/S a partir do título e do refrão introduzem o tema do enunciado via atividades linguísticas. A reflexão sobre sentidos, valores, entonação expressiva, apreciação valorativa e valor social são exploradas em questões epilinguísticas. Sinal de pontuação, variantes culturais e de registro são explorados cognitivamente e valorativamente em atividades metalinguísticas. Para melhor visualização, apresentamos, no Quadro 7, a atividade elaborada.

Quadro 7 - Atividades de PAL/S sobre o título do ladrão de Marabaixo

- **Sobre o título “Aonde tu vai rapaz”**
 1. **(Ling)** O que o título do enunciado sugere sobre o **tema** do discurso?
 2. **(Epi)** Por que o título não apresenta sinais de pontuação? Que **apreciação valorativa** pode ser observada a partir dessa ausência?
 3. **(Epi)** A ausência da pontuação interfere na **entonação expressiva** do enunciado? O que essa ausência sugere? Que **apreciação valorativa** pode ser observada a partir dessa ausência?
 4. **(Meta)** Que sinais de pontuação e outros ajustes seriam apropriados à escrita do enunciado no registro culto da linguagem, conforme as regras da Gramática normativa? Reescreva o enunciado usando a pontuação e a concordância adequada a essa variante da língua.
 - a) Que **valor social** a forma registrada em cada variante (a do autor social e que você reescreveu) representam?
 5. **(Ling)** Os **valores** afrodescendentes e afrobrasileiros sobre os quais a cultura do Marabaixo está assentada são a ancestralidade, a palavra, a religiosidade e o senso de comunidade. Avalie o título e comente: que valor ou valores afrocêntrico(s) e afro-brasileiro(s) esse dizer que intitula o enunciado revela?

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A atividade linguística está relacionada à construção de hipóteses sobre o tema do enunciado, pois não é possível refletir sobre aspectos linguísticos sem que ocorra a compreensão do todo discursivo. Seguiram-se as atividades epilinguísticas a explorar a produção de sentidos, a entonação expressiva e valorativa, apreciação valorativa inerentes à ausência de sinais de pontuação. Direcionamos, após, reflexões analítico-cognitivas e dialógicas, em questão metalinguística direcionada à variante de registros de língua relacionada ao uso da pontuação, com reflexão sobre o valor social das variantes empregadas pelo autor-

criador em contraponto com a norma apresentada na Gramática normativa. Finalizamos esse bloco, com questão linguística, a contemplar a produção textual de comentário avaliativo sobre a percepção de valores afrocêntricos relacionados à cultura do Marabaixo.

As reflexões valorativas atreladas à ausência dos sinais de pontuação via atividades epilinguísticas e metalinguísticas dão visibilidade para a palavra como “fenômeno da comunicação cultural” (Volóchinov, 2019 [1926]), p. 114-115), cujos indícios de valor são expressados, exclusivamente, pela entonação do enunciado. Desse modo, a palavra é impossibilitada de ser entendida fora de seu lugar social e precisa ser preenchida pelas axiologias sociais que integram a palavra à vida e a conhecimentos linguísticos que demarcam o uso da linguagem. Na formação continuada, conceitos dialógicos como tema, entonação e valoração relacionados ao uso/ausência dos sinais de pontuação e suas variantes de registro explorado nas atividades de PAL/S permitem demonstrar que “todos os aspectos de ordem linguística no enunciado” (Polato; Menegassi, 2019, p. 5) podem ser explorados a partir das axiologias sociais suscitadas no e pelo material verbal do enunciado.

Quadro 8 - Atividades de PAL/S sobre o refrão do ladrão de Marabaixo.

<ul style="list-style-type: none"> • Sobre o refrão Aonde tu vai rapaz Por esses campos sozinho Vou construir minha morada Lá nos campos do Laguinho <ol style="list-style-type: none"> 1. (Ling) Relacione a leitura do refrão ao estudo sobre a dimensão social do ladrão de marabaixo em estudo. Que aspectos do projeto de dizer do autor social são evidenciados no texto? 2. (Epi) Nessa estrofe, o autor evidencia um encontro entre duas pessoas. Reflita sobre as vozes sociais desses sujeitos e comente: O que o tom valorativo do primeiro interlocutor revela sobre os sentimentos desse sujeito? E o do segundo interlocutor, ao responder ao primeiro, que sentimentos deixa evidenciar? 3. (Epi) Reflita sobre o porquê de o autor social se dirigir ao seu interlocutor com o enunciado “Aonde tu vai rapaz”: <ol style="list-style-type: none"> a) O que esse modo de falar significa na cultura amapaense? Que valor sociocultural é evidenciado com esse dizer? b) Que valor (es) sociodieológico(s) esse dizer refrata no ladrão de marabaixo no contexto da década 1940? E hoje, que valor esse mesmo enunciado refrata na cultura do marabaixo? 4. (Epi) Reescreva o enunciado “<u>Aonde</u> tu vai rapaz”, substituindo o termo destacado por outro de significado equivalente. Compare as duas versões do verso (a do autor e as que você reescreveu). Qual das versões reflete melhor o sujeito e sua identidade linguística e cultural? Justifique sua resposta. 5. (Meta) As palavras “onde” e “aonde” costumam causar muitas dúvidas quando as usamos. Isso porque o termo “onde” pode ser um advérbio ou pronome relativo a depender do

contexto de uso. Como advérbio, costuma ser empregado para saber a localização de alguém ou de alguma coisa. Como pronome relativo, retoma um termo e conecta uma oração à outra.

a) Se o autor tivesse dito: “O Laguinho é o lugar onde farei minha morada”, o termo destacado teria sido empregado para retomar um termo citado ou para saber a localização de algo/alguém? Nesse caso, seria um advérbio ou um pronome relativo? Explique.

7. **(Ling)**Comentário avaliativo: A partir do que você vivenciou neste bloco de atividades, como você avalia a proposição de atividades de prática de análise linguística a partir do tripé de questões linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas para o desenvolvimento da consciência socioideológica ética, responsável e responsiva dos sujeitos-alunos?

Fonte: Elaborado pelas autoras

A questão linguística permite que se compreenda como a palavra e a situação social se fundem em uma unidade indivisível, pela ativação de sua dimensão social a arrolar opiniões e avaliações que incidem na produção de sentidos (Volóchinov, 2019 [1926]). Já o comentário avaliativo abre-se à participação efetiva das professoras na tessitura da proposta, a partir de “[...] um diálogo aberto e responsável entre a teoria e uma proposta metodológica” (Mendes-Polato; Ohuschi; Menegassi, 2020, p. 129) mediada pela formadora, já que as réplicas incidem em avaliação e possíveis ajustes do processo formativo.

As questões epilinguísticas contemplam as vozes sociais, o tom dos interlocutores, o modo de falar, os valores culturais e socioideológicos no enunciado, a subjetividade e a identidade dos sujeitos. Tais questões incidem sobre a “concretização de uma valoração constituída na memória social” (Polato; Mendonça, 2024, p.78) via entonação do enunciado “*Aonde tu vai rapaz*”, atrelada a valores circunscritos ao cotidiano e revaloradas no ladrão. Abordar a mudança na expressividade fônica (Polato, 2017) face ao contexto, permite demonstrar, no processo formativo docente, como a palavra, ao ser reenunciada, em contextos distintos, investe-se de tonalidades, sentidos e valores que dão forma ao eu e ao outro, na perspectiva da coletividade (Volóchinov, 2019 [1926]).

A questão metalinguística desdobra-se sobre a distinção entre advérbio e pronome relativo. Propõe-se uma comparação reflexiva estabelecida entre essas classes gramaticais a partir de hipótese, reflexão, definição, que leva à distinção uma da outra. O advérbio é um recurso do estilo gramática do enunciado que, ao refratar o deslocamento do sujeito no espaço, conecta, de forma imediata, à realidade extraverbal (Bakhtin, 2016 [1979]). Logo, sua compreensão é importante, para “descrever fenômenos que estão na base da produção de sentidos” (Polato; Mendonça, 2024, p. 73) e suscitam a conexão lógica e dialógica de recursos gramaticais na produção de discursos.

As atividades sobre as estrofes 2, 3, 4 foram agrupadas em razão do recorte temático: a impotência e o penar dos sujeitos em relação à perda da morada, percebido por meio do emprego de recursos linguístico-enunciativos que evidenciam o cotidiano dos sujeitos ali representados. Isso é relevante na atividade porque o cotidiano, segundo Volóchinov (2019 [1926]), é tomado como a chave para entender os enunciados que, sem ele, perdem seu sentido ou impossibilitam os outros de entendê-los.

Quadro 9 – Atividades de PAL sobre a 2^a, 3^a e 4^a estrofes do ladrão de marabaixo

1. Leia o excerto II, composto pelas estrofes 2 ^a , 3 ^a , 4 ^a do ladrão de Marabaixo <i>Aonde tu vai rapaz</i> , a seguir:		
Quando vim da minha casa	Destelhei a minha casa	Estava na minha casa
Me perguntou como passou	Com a intenção de retelhar	Conversando com a companheira
Rapaz eu não tenho casa	Mas a Santa Engrácia não fica	Não tenho pena da terra
Tu me dá um armador	Como a gente pode ficar?	Só tenho do meu coqueiro
2. (Ling) Para apresentar seu discurso, o autor dirige uma pergunta, ainda no refrão, a seu interlocutor. Nas estrofes 2, 3, 4, temos a continuação da conversa. A respeito do que os sujeitos sociais conversam?		
3. (Ling) De acordo com o excerto em estudo, podemos afirmar que os dois sujeitos estão na mesma situação? Confirme sua resposta com evidências do enunciado.		
4. (Epi) Leia o excerto (estrofes 2,3,4) e atente à entonação valorativa (avaliação social). O que o tom da conversa revela sobre as opiniões dos sujeitos acerca dos fatos sociais? O que esse tom revela sobre os aspectos extraverbais ?		
5. (Epi) A partir da leitura das estrofes 2, 3 e 4, responda:		
a) Que recursos linguísticos nesse fragmento são trazidos do cotidiano pelo autor social para seu projeto de dizer ? Que valores esses elementos teriam na vida do autor-criador?		
6. (Epi) Como a referências a elementos da realidade fortalece o estilo verbal do ladrão de marabaixo <i>Aonde tu vai rapaz</i> ?		
7. (Epi) Considere que no texto, “Santa Engrácia” era uma vila de casas onde muitos afroamapaenses moravam. Releia os versos: “Mas se a <u>Santa Engrácia</u> não fica/Como a gente pode ficar?” e analise o emprego a palavra “vila” e a expressão “Santa Engrácia” e responda:		
a) As duas palavras podem ser usadas para nomearem os mesmos espaços a que se referem? Por quê?		
b) Reescreva os versos acima, substituindo a expressão grifada por “vila”. Reflita: A opção por uma ou outra tem relação com o sentido e com os valores sociais pretendidos no projeto de dizer do autor? Justifique sua resposta.		
8. (Meta) Os substantivos “terra” e “coqueiro” no enunciado podem ser classificados como substantivos comuns e concretos. Que importância têm os substantivos no dizer do autor-criador ?		
9. (Meta) Ao retratar sua indignação, sua impotência diante do remanejamento das famílias afroamapaenses para o Laguinho, o autor social usa, principalmente, substantivos comuns, próprios, simples, concretos. Que efeito a escolha desses recursos linguísticos implica no estilo verbal (marcas do gênero e do estilo do autor) do texto?		
10. (Ling) A relação de identidade, pertencimento do autor-criador para com seu lugar é demonstrada concretamente pelo uso de substantivos concretos e verbos de ação no enunciado. Agora, escreva um depoimento sobre como você se relaciona com o lugar onde você vive ou com a		

cultura do Marabaixo. Use recursos linguísticos que dê concretude ao seu dizer para expressar seu ponto de vista.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

As atividades linguísticas ancoradas no extraverbal se concentram na compreensão dos impactos do acontecimento social sobre os sujeitos e em suas reações e propõem-se à compreensão dos acontecimentos históricos. Geraldi (2013) esclarece que essas atividades se voltam ao assunto em pauta e se dá tanto pelas reflexões quanto pela compreensão responsiva do interlocutor, quase automática, que no contexto escolar pode ser mediada.

As epilinguísticas contemplam apreciações reflexivas sobre as opiniões dos sujeitos, via entonação valorativa, sobre: a) as relações subjetivas com o lugar via escolha valorada de recursos linguísticos; b) o sistema de referências e o estilo autor; c) as motivações da escolha linguística via efeitos de sentidos e valores sociais. Essas atividades, conforme explicam Polato e Mendonça (2024), recaem sobre a tomada da materialidade linguística/semiótica, para instituir reflexões acerca dos valores e entonações que as realizam.

As metalinguísticas voltam-se ao uso de substantivos comuns, próprios, simples e concretos e sua implicância no dizer do autor-criador para dar concretude à sua relação com lugar. Com ela, visamos abordar compreensões gramaticais sobre essa classe, ancoradas em interpretação valorativa inerente ao ladrão de Marabaixo (Polato; Mendonça, 2024) que permitem conceber os substantivos não apenas como recurso linguístico, mas também, como recurso ideológico, investido de valores e de sentidos.

A organização imbrincada das atividades leva a compreender como o autor-criador se apropria da ideologia do cotidiano para ressignificar seu discurso interior dentro de uma ideologia artística, a partir de escolhas vocabulares e gramaticais direcionadas à materialização do tema. Segundo Volóchinov (2019 [1926]), nas camadas superiores da ideologia cotidiana responsáveis pela comunicação entre o autor e seus interlocutores, o terreno extraverbal comum, com suas entonações e juízos de valores, permite a composição, a formalização e a padronização dos discursos interiores.

Na formação continuada, as atividades de PAL/S oportunizaram demonstrar, praticar e refletir sobre a produção de atividades epilinguísticas, em que axiologias sociais são mobilizadas via sistema de referências e projeto de dizer do autor. E, ainda, pensar sobre como a configuração de atividades metalinguísticas norteiam compreensão do sistema linguístico sem

desprezar os efeitos decorrentes de seus usos reais. Não é suficiente estudar o substantivo apenas por suas classificações gramaticais, mas percebê-los em sua materialidade e propósito comunicativo, que não é neutro e nem ingênuo, mas preenchido de significação e valor.

As atividades sobre as estrofes 5, 6 e 7 voltam-se à crítica do autor-criador sobre a transformação do lugar. As atividades desdobram-se acerca dos embates socioideológicos marcados pela imposição concreta de nomes e significados de uma ideologia sobre a outra e dão visibilidade sobre como a linguagem – substantivos, advérbios, interjeições – foi usada para o apagamento e para a revolta do autor-criador. Assim, as reflexões recaem sobre relações dialógicas com o extraverbal, juízo de valor, entonação o quadro emotivo-volitivo dos sujeitos afetados e sobre os fenômenos linguísticos que compõem o projeto de dizer do autor.

Quadro 10 - Atividades de PAL sobre as estrofes 5, 6 e 7.

1. Leia o excerto a seguir, composto pelas estrofes 5, 6, 7 do ladrão de Marabaixo Aonde tu vai rapaz:

Largo de São João	A Avenida Getúlio Vargas	Dia primeiro de junho
Já não tem nome de santo	Tá ficando que é um primor	Eu não respeito o senhor
Hoje é reconhecido	Essas casas foram feitas	Eu saio gritando viva
Por Barão do Rio Branco	Pra só morar os doutor	Para o nosso governador

2. **(Ling.)** Como o autor social **avalia as mudanças** promovidas pelo Estado? Justifique. O sujeito se sente incluído no processo de urbanização da cidade? Por quê?

3. **(Ling.)** Geralmente, a urbanização é muito desejada por moradores de um lugar porque se entende que ela traz mudanças positivas à vida das pessoas. Escreva um **comentário crítico** sobre a urbanização de Macapá naquele tempo, a considerar o ponto de vista do Estado e o ponto de vista do autor-criador.

4. Considere a estrofe: Largo de São João/Já não tem nome de santo/Hoje é reconhecido/Por Barão do Rio Branco:

a. **(Epi) Compare** os nomes “Largo de São João” e “Barão do Rio Branco”, “Avenida Getúlio Vargas”. Que **valores sociais** cada **nome próprio** expressa? Que **efeito social**, a troca de nomes sugere ideologicamente?

b) **(Epi)** Qual é o **tom** das expressões “já não” e “hoje” no enunciado? Que **sentidos** eles produzem no enunciado?

c) **(Epi)** Como os **embates socioideológicos** são percebidos e explicitados pelo autor criador? Que **valores** essas ideologias representam?

d) **(Epi)** Reescreva essa estrofe de duas formas diferentes, a **alterar a posição sintática** das palavras. **Refleta** e conclua: os sentidos se mantêm os mesmos? Que aspectos dos novos enunciados foram realçados? Por quê?

e) **(Epi)** Como o autor-criador faz referência aos **valores ancestrais** do Marabaixo nessa estrofe? Comente.

8. (**Meta**) De acordo com a Norma Gramatical Brasileira, a considerar sua função no enunciado, os recursos linguísticos “já não” e “hoje” são locução adverbial e advérbio, respectivamente. Explique como essas categorias gramaticais podem ser definidas.

a) (**Meta**) Reescreva a estrofe, **substituindo os advérbios** “já não” e “hoje” por outros que expressem ideias semelhantes. **Refleta**: os advérbios que substituíram os primeiros são adequados ao estilo verbal do enunciado? Justifique sua resposta.

9. (**Ling**) A partir do que foi lido e refletido sobre o remanejamento de afroamapaenses para o Laguinho a partir do ladrão de marabaixo “Aonde tu vai rapaz”, escreva uma **resposta argumentativa** às seguintes questões de modo a correlacioná-las: Como a substituição de nomes próprios reconhecidos pelo povo afroamapaense por outros nomes representativos de outros grupos sociais foi compreendido pelo autor-criador? Como as três últimas estrofes refletem o a alteridade do autor-criador? A dispersão de moradores afroamapaenses para lugares diferentes como Favela e Laguinho podem ser considerados como diáspora?

Fonte: Elaborado pelas autoras.

As atividades linguísticas desenvolvidas via leitura e produção de comentário crítico recaem sobre as mudanças e os embates socioideológicos decorrentes da urbanização da cidade. Esse recorte temático é importante à compreensão do enunciado, porque o tema é “[...]um complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação (Volóchinov, 2019 [1926], p. 229). Por meio dessas questões, procuramos ativar a contrapalavra dos interlocutores, respondendo, assim, a um dos objetivos da PAL/S voltado “à formação de coautores-criadores com estilo próprio que agem com e sobre a língua de forma consciente” (Ritter; Ohuschi, 2022, p.426).

As atividades epilinguísticas instigam a análise acerca da substituição dos nomes de lugares via reflexão sobre valores sociais, efeitos socioideológicos, entonação, efeitos de sentidos, alterações sintáticas e realces valorativos, valores ancestrais que desfecham na compreensão de embates ideológicos que caracterizam o enunciado. Assim, oportunizam refletir sobre a palavra ideologizada para ampliar a consciência acerca de anulamentos, apagamentos, silenciamentos impostos aos sujeitos (Volóchinov (2021 [1929])). Viabilizaram, também, reflexões sobre a alteridade, percebida no senso de comunidade do autor-criador para com os seus. Conforme Polato e Mendonça (2024), ao abarcarem as axiologias sociais, as atividades epilinguísticas possibilitam compreender a constituição do discurso a partir de seus aspectos históricos e culturais mais amplos, por meio de relações dialógicas com os já ditos e com dizeres vindouros, que se concretizam em um posicionamento ético sobre o tema.

As amostras metalinguísticas ampliam as atividades precedentes ao se voltarem aos advérbios. Incluem reflexões lógicas que envolvem pesquisa, classificação e adequação ao estilo do enunciado. Ampliar conhecimento acerca da classe gramatical dos advérbios a partir

daqueles presentes no estilo gramatical importa porque eles refletem circunstâncias temporais que, vinculadas a aspectos emotivo-volitivos do sujeito via entonação, possibilitam entender que esse recurso evidencia a crítica ao apagamento das referências étnico-identitárias e sociais dos afroamapaenses. Dessa maneira, essas atividades ampliam “compreensões cognitivas da gramática acerca de objetos linguísticos” (Polato, 2017, p.177) de forma mais significativa, à medida que também leva à experimentação da substituição de um advérbio por outro e à sua avaliação conforme o estilo verbal do enunciado. No contexto de formação continuada, situamos a demarcação textual, enunciativa, discursiva de conceitos como ideologia, axiologias sociais, alteridade com acento na constituição teórico-metodológica de atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração da SAL possibilitou vislumbrarmos o empreendimento didático do gênero em interface a conhecimentos decorrentes da perspectiva dialógica de linguagem. As atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas desenvolvidas propiciaram compreender e refletir sobre como sujeitos afroamapaenses, por meio do enunciado *Aonde tu vai rapaz*, travaram embates socioideológicos junto ao Estado.

Ao suscitarem reflexões sobre e a partir da língua viva, contribuímos para que seus discursos sejam ouvidos e a negação de direitos humanos seja combatida, na atualidade, rumo a práticas sociais mais alteritárias. Isso é acentuado pela prospecção com os elos vindouros advindos do teor teórico-metodológico da proposta, implementada no contexto de formação continuada, com professoras dos Anos Finais do Ensino Fundamental para o trabalho com a PAL/S e o ladrão de Marabaixo.

Dessa forma, a proposta se mostrou produtiva, pois fortaleceu: o senso de identidade e de pertencimento a partir da escolha do gênero; a ampliação da consciência socioideológica das professoras em relação ao tema e ao trabalho com a PAL/S; a compreensão de conceitos dialógicos como tema, ideologia, axiologias sociais, relações dialógicas; o desenvolvimento da compreensão teórico-metodológica das atividades de PAL/S; a iniciativa a abordagens didático-pedagógicas autorais. Em vista disso, entendemos que a proposta ora apresentada se constitui um elo para a inserção de práticas e saberes ancestrais a partir de abordagens contemporâneas do ensino e aprendizagem de língua, em vista de uma transformação social rumo à alteridade.

REFERÊNCIAS

ACOSTA PEREIRA, R. A. A prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa: por uma ancoragem dialógica. **RevLet** – Revista Virtual de Letras, v. 10, n. 1, jan/jul, 2018.

ANDES, Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior. **Cerca de 300 famílias quilombolas no Amapá lutam contra despejo de comunidade secular**. 22.de nov. de 2022. Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/cerca-de-300-familias-quilombolas-no-amapa-lutam-contradespejo-de-comunidade-secular-decisao-da-justica-estadual-determina-que-as-familias-sejam-removidas-no-dia-5-de-dezembro1#:~:text=Cerca%20de%20300%20fam%C3%ADlias%20da,que%20foi%20formato%20em%201918>. Acesso em: 28 jan. 2023.

ANDRADE, R. P; HOCHMAN, G. **O Plano de Saneamento da Amazônia (1940-1942)**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.14, suplemento, p.257-277, dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/ydhBw7GTvfk5TCGnp7ZXGdL/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 12 jan. 2025.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução do russo, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov – São Paulo: Editora 34, 2016 [1979], p. 11-70.

BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; apresentação de Beth Brait; organização e notas da edição russa de Serguei Botcharov e Liudmila Gogotichvíli. – São Paulo: Editora 34, 2019 [1940-1960].

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro e João editores, 2020 [1920-1924)]. 3 reimps. 160p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, Brasília, MEC, 2018a, p. 57 a 192. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 13 set. 2021.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê de registro: Marabaixo** - Brasília, 2018b. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARABAIXO.pdf. Acesso em: 14 jan. 2025.

CARDOSO, I.; PENHA, G. Governo do Estado do Amapá. Abertura do Ciclo do Marabaixo 2023: **Fotografia 1**. 900 x 600. Disponível em: <https://www.amapa.gov.br/noticia/0104/fotos-confira-como-foi-a-abertura-do-ciclo-do-marabaixo-2023>. Acesso em: 15 jan. 2025.

COELHO, H. C. **Cultura e religião nos ladrões de Marabaixo**. 1 ed. – Curitiba: Appris, 2021.

COSTA-HÜBES, T. da C. Prática de análise linguística no ensino fundamental e sua relação com os gêneros discursivos. **Percursos Linguísticos**, v. 7, n. 14.- Vitória (ES), 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/percursos/article/view/15153>. Acesso em: 17 jul. 2022.

COSTA-HÜBES, T. da C.; ACOSTA PEREIRA, R. A. Prática de análise linguística/semiótica nas aulas de língua portuguesa: o que ainda precisamos discutir? **Letras**, [S. l.], v. 1, n. 64, p. 06–23, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/69386> . Acesso em: 28 ago. 2024.

FRANCHI, C. **Criatividade e Gramática**. São Paulo [Estado]. Secretaria da Educação. Coordenadoria de estudos e Normas Pedagógicas. São Paulo: SE/CENP, 1991, 39p.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. 53. ed. São Paulo: editora Ática, 2004.

GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento** – São Carlos: Pedro e João editores, 2015.

GOMES, S. N. de S.; OHUSCHI, M. C. G.; MENEGASSI, R. J. Construções valorativas em recursos linguístico-enunciativos na fábula: uma sequência e atividades ao 9º ano. *In.*: ROCHA, C. M. da R.; SANCHES, R. D. (org.). **Linguística na Amazônia**: descrição, diversidade e ensino. Rio Branco/AC: Nepan Editora, 2022, p. 185-208.

GOVERNO DO AMAPÁ. **Marabaixo**. Disponível em: - <https://portalamazonia.com/cultura/marabaixo-conheca-historia-da-manifestacao-cultural-ancestral-do-amapa/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

LADISLAU, R. Aonde tu vai rapaz. *In.*: BRASIL, Ministério da Cultura. **Dossiê de registro**: Marabaixo - Brasília, 2018.

LUNA, V. X. Um cais que abriga histórias de vida homens e máquinas construindo o social na cidade de Macapá (1943-1970). 2017. 217f. – **Tese** (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23699/1/2017_tese_vxluna.pdf. Acesso em: 28 ago. 2024.

MADUREIRA, D. N. S. Marabaixo e seus “ladrões”: a história afroamapaense sintetizada no cancionero popular como elemento fomentador de estudos literários. 2019. 112f. **Dissertação**

(Mestrado em Ciências). Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica – RJ, 2019.

MENDES-POLATO, A. D.; OHUSCHI, M. C. G.; MENEGASSI, R.J. Análise Linguística em Charge: Sequência de Atividades Dialógicas. **Línguas & Letras**, [S.l.], v. 21, n. 49, jun. 2020. ISSN 1981-4755. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/24631>. Acesso em: 27 jan. 2021

OLIVEIRA, E. dos S. Da tradição oral à escritura: a história contada no Quilombo de Curiaú - **Dissertação** (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2006.

OLIVEIRA, E. dos S. Devoção, tambor e canto: um estudo etnolinguístico da tradição oral de Mazagão velho. **Tese** (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral. – São Paulo, 2015, 262p. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-22122015-101109/publico/2015_EdnaDosSantosOliveira_VCorr.pdf Acesso em: 07 jul. 2022.

OHUSCHI, M. C. G. Proposta de atividades de análise linguística nos cadernos “Poetas da escola” e “Se bem me lembro” da Olimpíada de Língua Portuguesa. 2019. **Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral em Letras** (Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

OHUSCHI, M. C. G.; MENEGASSI, R.J. Proposta teórico-metodológica de análise linguística em perspectiva dialógica ao trabalho com o pronome. *In.*: ACOSTA PEREIRA, Rodrigo Acosta; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (org.). **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021, p. 419-452

OHUSCHI, M. C. G.; MENEGASSI, R. J. Prática de análise linguística no trabalho com o pronome no ensino de língua materna. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 62, n. 3, p. 425–441, 2024. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8671900>. Acesso em: 05 jan. 2025.

POLATO, A. D. M. A Análise linguística: do estado da arte ao estatuto dialógico. **Tese** (doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, Maringá, PR, 2017. 230f.

POLATO, A. D. M.; MENDONÇA, M. A Prática de Análise Linguística/Semiótica e a relação entre epilinguagem e metalinguagem. *In.*: ACOSTA PEREIRA, R. A.; RODRIGUES, R. H.; COSTA-HÜBES, T. C. (org.) **Prática de Análise Linguística/Semiótica (PAL/S) nas aulas de língua portuguesa: entre a tradição e a mudança**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 434p.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. O estatuto dialógico da análise linguística: caracterização teórico-pedagógica. **Acta Scientiarum**. Language and Culture, vol. 41, núm. 2, 2019. Universidade Estadual de Maringá, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307462019012>. Acesso em: 11 jan. 2022.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. Atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas: expansão dialógica. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S.l.], v. 28, n. 3, p. 1059-1098, mai. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/15590>. Acesso em: 28 jun. 2023.

REIS, M. V. de F.; MACIEL, K. B.; PEREIRA, M. P. T. Ladrões de Marabaixo em Macapá: identidade cultural, poder, história, memória e religiosidade na Amazônia amapaense. **Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 11-28, abr. 2021. ISSN 1983-778X. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/8298/5144>. Acesso em: 07 jul. 2022.

RITTER, L.C.B; OHUSCHI, M.C.G. Leitura e análise linguística em perspectiva dialógica: caminhos possíveis. In.: ANGELO, C. M. P.; MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. F. (org.) **Leitura e Ensino de Língua**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 419-452. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/2022/wp-content/uploads/2022/02/Leitura-e-Ensino-de-Lingua.pdf> Acesso em: 28 jun. 2023.

ROCHA, A. Governo do Estado do Amapá. Derrubada de mastros no último dia do Ciclo do Marabaixo 2023. **Fotografia** 2.1600 x 1059 pixels. Disponível em: <https://www.amapa.gov.br/noticia/0304/abertura-do-ciclo-do-marabaixo-atraiu-mais-de-5-mil-pessoas-em-celebracao-as-tradicoes-afro-amapaenses> Acesso em: 17 jan. 2025.

SANTOS G. V.; OHUSCHI, M. C. G. “O tambor fala, a palavra cria”: ressonâncias valorativas no ladrão de Marabaixo Aonde tu vai rapaz. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 18, n. 3, p. e60487, 2023. Disponível em <https://www.scielo.br/j/bak/a/qCRhDdd7nKJNLDTGCywFp/abstract/?lang=en#> Acesso em: 16 ago. 2024.

VARGAS, G. O Discurso do Rio Amazonas. – **Revista Brasileira de Geografia**, v. 4, n. 2, p. 259-262, abr-jun, 1942. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1942_v4_n2.pdf. Acesso em: 24 jun. 2022.

VIDEIRA, P. L. Batuques, folias e ladainhas [manuscrito]: a cultura do quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação. – **Tese (Doutorado)** – Universidade Federal do Ceará, faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2010.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2021[1929], p. 227-240.

VOLÓCHINOV, V. **Palavra na vida e palavra na poesia**. Ensaios, artigos, resenha e poemas. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926], p.109-146.

Data de recebimento: 27/02/2025

Data de aprovação: 04/07/2025